

A numeração em povos iletrados: Bochimanes de Angola e Macondes de Moçambique (1)

por M. Viegas Guerreiro

Os Bochimanes, que são gente de pequena estatura e de cor amarelo-terrosa, vivem, hoje, confinados aos plainos semi-desérticos e desérticos do Sul de Angola, Sudoeste Africano e Calaari. Ocuparam outrora toda a região do Sul de África, de onde se dizem oriundos. Seu número é diminuto: uns 60.000 indivíduos, cerca de 10.000 dos quais em Angola. São, no conceito dos Bantos vizinhos, os selvagens ou bárbaros de África, do que se poderá concluir que não há povo, por primitivo que pareça, que se não julgue com direito aos seus «bárbaros».

Os Bochimanes de Angola, que constituem objecto deste estudo, designam-se a si próprios de *!Kung*. Deambulam pelo território imenso de entre Cunene e Cuando, separados pelo rio Cubango em duas grandes facções, que se não conhecem uma à outra. Os Bantos chamam *Vakwankala* aos que ficam a Ocidente e *Vassekele* aos de Leste.

Os Macondes são povo banto há muito estabelecido no planalto do seu nome, no extremo Norte de Moçambique. Corre já mundo a fama da sua escultura e não é menos conhecida, na África Austral, a sua vigorosa personalidade.

(1) Este artigo veio para aqui por sugestão e pedido do meu colega e amigo Dr. JOSÉ DA SILVA PAULO. De um seu questionário resultam algumas das reflexões expostas.

NUMERAÇÃO BOCHIMANE

Os nossos *!Kung* (1) sabem contar pelos dedos como todos os povos, iletrados ou não. Só até 10 e do modo seguinte: levam o dedo mínimo da mão esquerda aos lábios e logo os outros, sucessivamente, e o mesmo com a direita, batendo finalmente com as palmas uma na outra, de dedos estendidos e unidos. Dez é total que raramente se atinge.

À numeração mímica corresponde uma pobríssima numeração falada. Os *Vakwankala* têm estes adjectivos numerais:

ka /ne (2) — um

ka tcha — dois

ka ko — três

E poucos são os que usam *ka ko*. Os *Vassekele* empregam *!nwona* em vez de *ka ko* (3).

Postos a contar, sem o auxílio dos dedos, dizem os dois ou três primeiros numerais, parecendo que não podem conceber abstratamente números maiores; e voltam-se então aos dedos. Ouvi de *Vakwankala* seriaçãoes diversas e até no mesmo indivíduo de um momento ao outro. Não consegui que ultrapassassem com palavras o número 5, ficando alguns em 3 e 4. Exemplos:

(1) ! é sinal que representa um clique palatal, ruído a modo de estalo, típico da língua bochimane.

(2) /, outro sinal de clique, este dental.

(3) D. F. BLEEK, «Bushmen of Central Angola», in *Bantu Studies*, vol. III, n.º 2, Julho de 1928, p. 110.

ponder 10, acompanharão as palavras do batimento de ambos os punhos. E isto tanto de dia como de noite, ainda que os punhos se não vejam. Somam-se aqui dois símbolos do concreto: nomes e dedos.

A abstracção máxima de que são capazes, neste domínio, é a que está contida na generalidade do vocábulo *vinu* — coisas:

— *Vinu dachi?* (Quantas coisas?)

— *Vinu mwanu.* (Cinco coisas).

Não pude achar qualquer relação de sentido entre os nomes dos números e pessoas ou coisas. Em lugar de *mwanu* — cinco, empregam, às vezes, *nkono umo* — uma mão, mas é, segundo afirmam, expressão recente e usada exclusivamente para copos de cerveja: «*Ngupimila nkono umo*», Dá-me uma mão (cinco copos de cerveja).

Não têm numeração escrita. O que fazem é riscos no chão para representar as dezenas; o do número 10 fica mais comprido. O processo é principalmente usado na marcação de pontos, nos jogos.

Para contar números maiores costumam dar nós num cordel de 10 em 10 unidades. É assim que os presos somam os dias de reclusão, afirma-se. Se trazem coisas para troca e as contaram deste modo em casa, vão desatando os nós à medida que as entregam.

Também juntam um a um, em grupos de 10, os objectos que querem trocar (batata doce, bananas, papaias, laranjas, peixes). E, se não estes, pedrinhas que os representam.

Em outro tempo utilizavam igualmente os dedos dos pés. Acabados os das mãos, descia o indicador da direita ao dedo grande do pé direito e passando pelos outros e para o outro pé completavam a segunda dezena fechando o número com as palavras:

20 — *kumi na ku madodo*
(dez e os dos pés).

Um homem vulgar sabe contar até 100 e

muitas mulheres só até 10. Para além deste número hesitam e, sorrindo, com um sacudido encolher do ombro esquerdo exclamam: *Hi! Namanya!* (Não sei). Algumas encontrei, porém, a contar com desembaraço como os homens. Uma mulher de idade levou os nú-

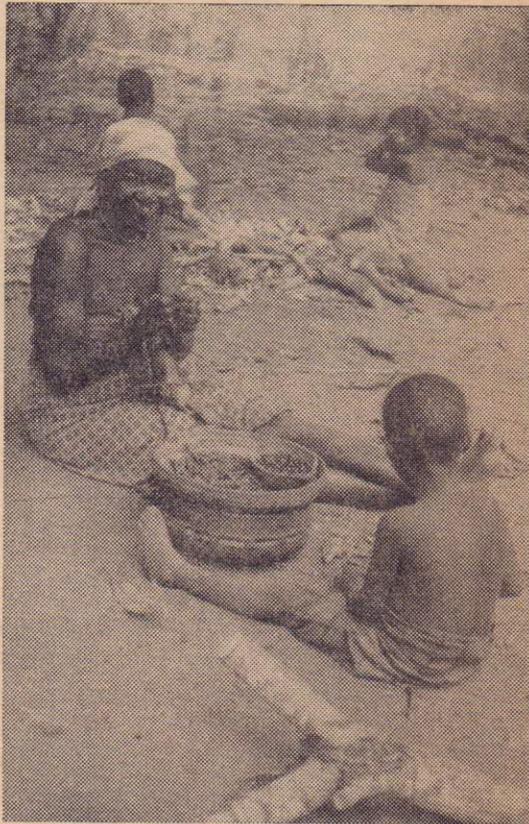


Fig. 3 — Mulher maconde, contando.

meros até 100, acrescentando que aprendera isso no tempo em que ia vender borracha aos Brancos.

A influência do *kiswahili* é, hoje, todavia, muito grande e uma parte dos homens usa-o para contar as centenas e os grandes números.

É escusado dizer que foi o comércio com os Brancos e os trabalhos remunerados que, principalmente, puseram os Macondes na necessidade de ampliar a sua aritmética.